

Meirelles condiciona crescimento à estabilidade

Reagindo ao ‘fogo amigo’ de integrantes do governo, presidente do BC avisa que continua mirando na meta de inflação

DIJURO

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA A1

Meirelles disse que não está magoado com o chamado *fogo amigo* (críticas de integrantes do próprio governo, como Alencar e o líder no Senado, Aloizio Mercadante). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva chegou a pedir ao vice que as críticas fossem moderadas, porém, Alencar não se calou e disse que vai manter suas opiniões enquanto estiver na política.

– Encaro isso com a maior tranquilidade. Acho que, na leitura das declarações, o que existe é algo um pouco diferente. É quase que um chamamento, um apelo no sentido de que se trabalhe para a redução dos juros no longo prazo – afirmou Meirelles, que fez questão de elogiar o demissionário Ilan Goldfajn e desvincular sua saída das pressões políticas para queda dos juros. – O diretor não está fazendo as malas e indo embora em resposta a essas críticas. Ele está cumprindo um cronograma combinado desde dezembro. Não há unanimidade em nenhum setor na política, na economia, do esporte ou religião.

Goldfajn fez coro e afirmou que nunca teve problemas de relacionamento com Alencar.

– Tenho respeito pelo vice-presidente. Comentários sobre juros numa sociedade democrática fazem parte – disse. – Não é prerrogativa do BC nem do Brasil. Hoje, na Alemanha, temos reclamações sobre os juros do BC Europeu na medida em que a Alemanha está em um momento de recessão.

Sobre a possibilidade de redução dos compulsórios reco-

Meirelles usa Índia, China e Coréia do Sul como exemplos

lhidos pelos bancos sobre os depósitos à vista, que em fevereiro subiram de 45 % para 60% (retirando R\$ 8 bilhões do mercado), Henrique Meirelles afirmou que não há uma decisão tomada e que, por prática, o BC não anuncia decisões futuras.

À tarde, no Rio, Meirelles participou do encerramento do 15º Fórum Nacional do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, promovido pelo ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso. Durante seu discurso, não destoou das palestras dos ministros da Fazenda, Antônio Palocci, e do Planejamento, Guido Mantega, que alternaram momentos de bom humor com cautela.

No início do discurso, quando ainda estava nos agradecimentos, Palocci citou distraidamente o presidente do BNDES, Carlos Lessa, como presidente do Banco Central. Quando Meirelles chegou atrasado ao painel de encerramento, momentos depois, Palocci interrompeu o discurso e comentou, em tom jocoso: “Ainda bem que você chegou. Eu já estava quase nomeando o Lessa para ocupar o seu lugar”, ironizou Palocci, arrancando risos da platéia.

Durante a palestra, Meirelles justificou a decisão do Copom de manter os juros como uma forma de não arrefecer o combate à inflação. Segundo ele, o controle do custo de vida é pré-condição para a retomada de um crescimento que seja sustentável, ou seja, que não afete inflação e o ajuste das contas externas do país. O presidente da autoridade monetá-

ria voltou a afirmar que os países que conseguiram crescer de forma contínua, nos últimos anos, o fizeram com a manutenção de taxas baixas de inflação.

Como exemplo, citou a Co-

réia do Sul que, entre 1985 e 2001, registrou crescimento anual do PIB de 7%, na média, enquanto manteve a inflação, no mesmo período, em uma média de 5% ao ano. Também lem-

brou o caso da China e da Índia, que cresceram respectivamente 9,7% ao ano e 5,7% ao ano, no mesmo período em que registraram taxas anuais médias de inflação de 8,2% e 8,4%, res-

pectivamente.

Meirelles lembrou que, nos últimos 12 meses, a inflação brasileira alcançou 16,77%. “A inflação causa uma desorganização que puxa a taxa média de

crescimento para baixo”, advertiu, ao anunciar que a manutenção da atual política monetária restritiva projeta uma taxa de inflação de 8,25% nos próximos 12 meses.